



Sabine Zink Bolognini

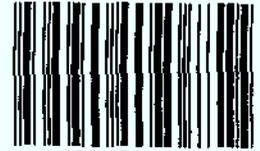
**PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO
AO TÊNIS DE CAMPO:
um estudo no município de Campinas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
Física da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2006

8/10/06



1290003203

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sabine Zink Bolognini

PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO
AO TÊNIS DE CAMPO:
um estudo no município de campinas

Campinas

2006

Sabine Zink Bolognini

**PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO
AO TÊNIS DE CAMPO:
um estudo no município de Campinas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
Física da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2006

Sabine Zink Bolognini

**PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO
AO TÊNIS DE CAMPO:
um estudo no município de campinas**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso defendido por Sabine Zink Bolognini e aprovado pela Comissão julgadora em:

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes (Orientador)

Prof. Dr. Sérgio Stucchi

Campinas
2006

Agradecimentos

Bom, primeiramente gostaria de agradecer à minha família: Pai, Mama e Lari. Jamais conseguiria expressar aqui a magnitude do agradecimento que devo a vocês, acredito que esse trabalho seja fruto não só desses quatro anos de curso, mas sim de toda uma história de vida que construímos, obrigada por todos os momentos que passamos juntos. Sinto muito orgulho da nossa família, amo vocês.

Omama, Opapa (que saudade, meu colega!), Te, Marcão, Udo, Ju e Má obrigada por estarem sempre presentes, por toda a diversão nas festas, nos almoços em família.

Ao Rafa, meu amoreco, por tudo: pelo carinho, pela companhia, pelas risadas, sou muito feliz ao seu lado.

Agradeço a todos da USS Reloaded, que é, sem dúvida alguma, a melhor equipe do mundo. Obrigado pelos treinos, competições, baladas e churrascos mais divertidos de minha vida, e, é claro, pelas amizades tão especiais que construímos nesses quatro anos.

Ao pessoal 03, pelas amizades, risadas, conversas, interef's, baladas.

Ao Robertão, meu orientador, pela atenção, por me acompanhar durante todo o processo de construção desse estudo. Aos professores da FEF, por todo o conhecimento e atenção.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a elaboração desse trabalho, muito obrigada!

Bolognini, Sabine. **Pedagogia do esporte e a iniciação ao tênis de campo**: um estudo no município de Campinas 2006. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

As conquistas de Gustavo Kuerten no cenário internacional do tênis fizeram com que houvesse maior divulgação do Tênis de Campo (TC) na mídia e, com isso, um aumento no número de interessados em praticar a modalidade. Segundo o site www.es.sebrae.com.br/noticias/, entre 1997 e 2003, o número de praticantes de TC duplicou no país e a maior parte era composta por crianças. Ou seja, é possível verificar-se a necessidade de estudos que investiguem o contexto pedagógico em que ocorre a iniciação ao TC. Esse estudo foi estruturado em quatro etapas: revisão bibliográfica sobre o tema da iniciação esportiva e da iniciação esportiva específica do TC; pesquisa de campo na qual foram observadas aulas para crianças de 7 a 12 anos e realizadas; entrevistas com os professores cujas aulas foram observadas. O objetivo dessa etapa foi verificar quais os conteúdos e os procedimentos pedagógicos desenvolvidos pelos professores. Os dados obtidos a partir da observação foram registrados em um diário de campo. O quarto momento desse estudo corresponde à análise desses dados. A fundamentação teórica dessa análise pautou-se nos conhecimentos obtidos na revisão bibliográfica. A partir dessa análise pôde-se constatar uma disparidade entre a proposta pedagógica utilizada nas aulas observadas e a proposta existente na literatura estudada. Isso ocorre pois as aulas observadas baseiam-se em um modelo analítico, contestado pela literatura, uma vez que está baseado em atividades desvinculadas do contexto de jogo.

Palavras-Chaves: Pedagogia; Esporte; Tênis (Jogo); Tênis (Jogo) – Estudo e ensino.

Bolognini, Sabine. **Pedagogia do esporte e a iniciação ao tênis de campo**: um estudo no município de campinas 2006. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT

The accomplishments of Gustavo Kuerten in international tournaments of Tennis caused a significant divulgation of this sport in the media, therefore a larger number of person were interested in practicing this sport. According to the site www.es.sebrae.com.br/noticias/, in the period between 1997 e 2003, the number of Tennis players doubled. And most part of these players was children. This situation indicates the need of studies that investigate the context in witch this process of sport initiation takes place. This study is structured in four moments: bibliographical review about sport initiation in general and specifically in Tennis, a field research in witch were observed classes to children between the ages of 7 to 12 years and interviews with the teachers whose classes were observed. The purpose of this moment was to verify what were the pedagogical proposals developed by these teachers. The fourth moment of this study involves the analysis of the results obtained during the research. This analysis was based on the information obtained by the bibliographical review. By this analysis we found a contradiction between the pedagogical proposal present in the literature and the one we observed during the classes. This happens because the classes we observed were based in activities that had nothing to do with the tactical logic of the Tennis game.

Keywords: Pedagogy; Sport; Tennis (Game); Tennis (Game) – study and teaching.

SUMÁRIO

1 Introdução	01
2 Objetivos	02
3 Revisão bibliográfica.....	02
3.1 A iniciação esportiva.....	02
3.2 A formação dos profissionais.....	04
3.3 Esporte e educação.....	04
3.4 Propostas pedagógicas.....	05
4 O contexto da pesquisa	08
5. Apresentação e discussão dos dados	10
6. Conclusão.....	34
7. Referências Bibliográficas	35
8. Anexos	37

1 Introdução

As conquistas de Gustavo Kuerten no cenário internacional do tênis fizeram com que houvesse maior divulgação do Tênis de Campo (TC) na mídia e, com isso, um aumento no número de interessados em praticar a modalidade. Segundo o site www.es.sebrae.com.br/noticias/, entre 1997 e 2003, o número de praticantes de TC duplicou no país e a maior parte era composta por crianças. Conforme nos sinalizam alguns trabalhos realizados sobre a relação de interdependência entre o esporte profissional e a iniciação esportiva (PINHEIRO, 2003), essa é uma situação que cria um interesse maior da população pelo esporte, pois o esporte profissional é fator de motivação à iniciação esportiva.

A importância desse ídolo na modalidade em questão pôde ser verificada durante a pesquisa de campo realizada. Isso pôde ser constatado em função do fato dos professores citarem Guga constantemente durante as aulas, colocando-o como a imagem na qual as crianças deveriam se espelhar para que, futuramente, também se tornassem jogadores profissionais de sucesso.

A partir desses dados, confirma-se a importância de um estudo que investigue o contexto pedagógico em que ocorre a iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Diante disso, a questão central deste estudo é investigar as relações entre a pedagogia do esporte e a iniciação esportiva na modalidade em questão.

Esse trabalho de conclusão de curso será dividido em três etapas. Inicialmente, apresentaremos a revisão bibliográfica realizada até o momento. Posteriormente, serão apresentados os dados obtidos na pesquisa de campo e, para finalizar, realizaremos a análise desses dados.

2- OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Conhecer a realidade atual da iniciação ao Tênis de Campo em instituições não-formais de ensino (clubes) no município de Campinas.

Objetivos específicos

-Identificar os conteúdos desenvolvidos durante aulas de iniciação esportiva na modalidade Tênis de Campo nos ambientes previamente identificados;

-Identificar métodos e procedimentos pedagógicos utilizados pelos professores nas aulas de iniciação ao Tênis de Campo;

-Conhecer a formação profissional dos professores de Tênis de Campo de Campinas.

3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Essa revisão bibliográfica será dividida em quatro etapas, nas quais abordaremos temas relevantes a esse estudo: a iniciação esportiva, a formação dos profissionais envolvidos com o TC, esporte e educação e propostas pedagógicas.

3.1 A iniciação esportiva

Conforme já apresentado, existe uma influência do esporte profissional sobre o processo de iniciação esportiva. Esse processo é complexo e envolve diversos fatores, por isso deve ser estudado e discutido. Paes (1989), um dos autores estudiosos do tema em questão, verificou que a iniciação esportiva está baseada em dois pontos chave: na detecção de talentos e na sua potencialização em um prazo reduzido. Tal fato foi discutido e criticado pelo autor, pois ele considera que esse procedimento leva a uma redução das etapas de desenvolvimento dos futuros atletas. Sua argumentação baseia-se no fato de que o objetivo central das aulas, desde a iniciação esportiva, seria meramente o da busca por vitórias.

Ainda utilizando como base as reflexões de Paes (op. cit.) acerca do tema da iniciação esportiva, iremos agora discutir o esporte como um fenômeno social significativo no processo educacional. Isso se deve ao fato de que, através dele, podem ser desenvolvidos não só os aspectos técnicos, táticos e físicos da modalidade, como também, principalmente, aspectos sócio-educativos relativos ao desenvolvimento da personalidade dos praticantes.

Outro autor que discute os aspectos educativos do esporte é Montanger (1993), que considera que o esporte não é educativo a priori. É necessário que seja usado como um meio educacional. Isto ocorre quando, durante as aulas, existe a transferência de valores culturais e não apenas a transferência de conhecimentos técnicos relacionados ao esporte. Desta forma, promove-se um verdadeiro crescimento do aluno.

Paes (2002) ainda afirma que, para que o ensino do esporte adquira um

tratamento pedagógico, é necessário que proporcione aos praticantes tanto um desenvolvimento motor, que deve tratar das habilidades motoras gerais e específicas, como o desenvolvimento de inteligências múltiplas. É fundamental que também seja trabalhada a auto-estima que, por sua vez, se enquadra na psicologia do esporte, bem como os princípios de cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência, tratando então de aspectos filosóficos do esporte.

Diante das idéias apresentadas, Paes (op. Cit.) apresenta a necessidade de que a prática esportiva não fique associada exclusivamente a vitórias em campeonatos em idades nas quais as crianças ainda não estão preparadas para tanto. Deve-se evitar que a prática esportiva se torne desagradável, pois cada praticante que a abandona perde a oportunidade de vivenciar experiências de um fenômeno emergente e atual com características educativas relevantes: o esporte.

Outro problema relativo ao assunto é o fato de os professores de Tênis de Campo estarem influenciados pelo discurso da mídia, dos pais, dirigentes de clubes e academias, e, com isso, orientarem suas aulas para formar futuros campeões. Com esse procedimento, a proposta da aula não segue a linha teórica na qual esse trabalho se baseia, que prevê o processo de educação através do esporte. Isto não exclui a possibilidade de que, no momento adequado, sejam identificados os talentos esportivos.

Uma aula de Tênis de Campo para crianças que tenha como objetivo a identificação de um talento, geralmente está fundamentada na idéia de que quanto antes se especializa a prática, maiores as chances de produção de campeões. Consequentemente, de acordo com Paes (1989), as crianças são submetidas ao treinamento e competição precocemente e, portanto, a todos os problemas decorrentes desse processo: a redução de suas possibilidades educativas, apresentar alto risco de lesões, gerar na criança o desinteresse pela prática, o abandono da modalidade, e, por vezes, a desistência da prática esportiva em geral.

3.2 A formação dos profissionais

No projeto inicial, havíamos levantado a hipótese de que grande parte dos profissionais envolvidos com o Tênis de Campo não possuíam formação profissional na área de

Educação Física, e estavam envolvidos no ensino da modalidade em função do fato de terem sido jogadores. Chiminazzo (2005) apresenta dados significativos em relação a esse aspecto. O autor realizou entrevistas com 32 técnicos de Tênis de Campo: todos eles haviam sido jogadores da modalidade, 24 foram profissionais e oito foram amadores. Desses 32 técnicos, apenas 3 são formados em Educação Física.

Da mesma maneira, conforme pudemos constatar nas entrevistas que realizamos, todos os professores envolvidos na pesquisa já foram jogadores de Tênis de Campo. Com isso, possuem um conhecimento prático da modalidade. No entanto, nem todos são formados em Educação Física. Há, portanto, a possibilidade de que, em função disto, esses professores desconheçam aspectos teóricos da pedagogia do esporte, o que poderia levar a uma limitação da possibilidade educativa das aulas de Tênis de Campo ministradas por esses profissionais.

É necessário verificar, por um lado, se as aulas estão baseadas na prática específica do Tênis de Campo e por outro, se a preocupação dos profissionais não está voltada unicamente para o ensino de habilidades específicas da modalidade, o que levaria a um processo precoce de especialização.

3.3 Esporte e Educação

A fim de aprofundar a idéia proposta por Montanger (1993), segundo a qual o esporte pode ser um facilitador atuante no processo educativo, realizaremos uma discussão estabelecendo relações dessa proposta com as idéias de Zabala (1998).

Zabala (1998) aborda a função social do ensino e afirma que, para que os objetivos ou finalidades da educação sejam estabelecidos, é necessário definir quais as capacidades a serem desenvolvidas nos alunos.

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor se baseia em C. Coll (1986)¹, que agrupa essas capacidades em: cognitivas ou intelectuais, motoras, de equilíbrio e autonomia pessoal, de relação interpessoal e de inserção e atuação social. Esse modelo de divisão é

¹ Obra citada por Zabala (1998). Foi publicada em Marc Curricular per al'Ensenyament Obligatori

escolhido por Zabala devido ao fato de não dividir excessivamente as capacidades, em função da inter-relação existente entre elas.

Tomando como exemplo a situação de uma aula de Tênis de Campo para crianças. É possível que o professor tenha como único objetivo desenvolver a capacidade motora do aluno. No entanto, todas as outras capacidades do aluno estarão sendo influenciadas, positiva ou negativamente, durante a aula. Essa influência pode ocorrer, por exemplo, na forma pela qual são estabelecidas as comunicações na aula, na proposta de regras das atividades e de convivência durante a aula, nos tipos de incentivos dados pelo professor, entre outras situações.

Zabala discute também o fato de que qualquer atuação educacional é fruto de uma maneira de entender a sociedade e do papel que as pessoas exercem dentro dela, ou seja, as intervenções pedagógicas têm como base uma análise sociológica e uma tomada de posição, que é sempre ideológica.

3.4 Propostas Pedagógicas

Mauss (1974) discute o conceito de Técnicas Corporais. Para o autor, todo gesto corporal constitui-se em uma técnica, uma vez que possui tradição e eficácia simbólica. Portanto, o gesto técnico realizado pelas crianças durante as aulas é também uma técnica, dotada de eficácia simbólica, construída a partir de valores e experiências dentro de um contexto cultural.

Daolio (2002), trabalhando com o conceito de Mauss (op. cit.) dentro da Educação Física, afirma que o professor deve considerar a possibilidade dos alunos, culturalmente situados, possuírem outros interesses de movimento, levando a diferentes formas de execução. O profissional deve também saber que a mecânica de movimento realizada por atletas profissionais é elaborada e demanda muito tempo de treinamento para sua perfeita manifestação.

Isto posto, fica clara a necessidade de superar a idéia de que existe um único modelo de movimento eficiente para a execução dos fundamentos do Tênis de Campo. Existem outros fatores que devem ser priorizados durante a aula. Para discuti-los, utilizaremos como base

a teoria de Garganta acerca do ensino dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), relacionado-a com a teoria proposta por um coletivo de autores que discutem o Tênis de Campo.

Garganta (1995) afirma que os JDC são atividades ricas em situações imprevisíveis às quais os jogadores devem responder. Esta resposta depende da inteligência do jogador, ou seja, da capacidade de solucionar problemas e de adaptação a novas situações. Além disso, o autor defende o fato de que a aprendizagem dos gestos técnicos constitui apenas uma parte dos pressupostos necessários para que, dentro do contexto de jogo, os praticantes sejam capazes de resolver os problemas criados.

Seguindo essa linha de raciocínio, Garganta (1995, p. 13) afirma que os “fatores de natureza física ou psíquica têm a função de cooperar no sentido de facultarem o acesso a desempenhos táticos de nível cada vez mais elevado”. Portanto, a dimensão tática (a forma que o jogador percebe o jogo) ocupa o núcleo da estrutura de rendimento.

Após apresentar essas idéias, Garganta critica o modelo tecnicista utilizado tradicionalmente no ensino dos JDC, uma vez que essa concepção propõe o ensino dos gestos técnicos de forma analítica, fora do contexto de jogo. Ensina-se a técnica (o modo de fazer) desvinculada da tática (as razões de fazer).

A fim de relacionar as idéias de Garganta à realidade do Tênis de Campo, utilizaremos como base teórica o trabalho desenvolvido por Crespo (2000). Esse autor, através de uma análise histórica, descreve as propostas pedagógicas que nortearam o ensino da prática do Tênis de Campo a partir de 1940. O autor mostra que sempre foi predominante nesse esporte o modelo tecnicista, voltado para o ensino da técnica dos movimentos de maneira analítica, desvinculada do contexto do jogo.

Crespo (op. Cit.) também realiza uma análise dos métodos atuais utilizados no ensino do Tênis de Campo. O autor relata que o comprometimento com o modelo tecnicista ainda é relevante. Esse fato é exemplificado através da observação de que, durante os treinos, os alunos demonstram ter o domínio do gesto técnico proposto pelo professor. No entanto, durante as partidas, não são capazes de executar de maneira eficiente esse gesto, já que não sabem como, quando ou porque executa-lo. Consequentemente, o jogador apresenta certas características que também foram apontadas por Garganta em relação aos jogadores dos JDC: ações de jogo mecanizadas e pouco criativas, problemas na compreensão de jogo (leitura deficiente das situações e soluções pobres para os problemas).

A fim de superar o modelo tecnicista de ensino e solucionar os problemas que

dele surgem, Garganta utiliza a teoria de Bayer (1985) como suporte teórico. Este autor apresenta seis invariantes presentes em todos os JDC: uma bola, um espaço de jogo, um alvo a atacar, um alvo a defender, parceiros com os quais se joga, adversários e regras específicas. É possível verificar que “os parceiros com os quais se joga” é a única invariante que não existe no Tênis de Campo.

Além disso, Bayer introduz os chamados “princípios operacionais” comuns aos JDC e divididos em princípios de ataque e princípios de defesa. Os princípios operacionais de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe em direção ao alvo e finalização da jogada. Os de defesa são: recuperação da bola, impedir o avanço do adversário e proteção do próprio alvo, para não permitir a finalização da equipe adversária.

Outro conceito elaborado por Bayer é o das “regras de ação”, que constituem mecanismos necessários para se alcançar êxito nos princípios operacionais. O jogador, por exemplo, a fim de finalizar a jogada, deve desmarcar-se de seu adversário.

Podemos estabelecer princípios de ação presentes no Tênis de Campo similares aos princípios dos JDC. Existe a preocupação ofensiva em fazer a bola progredir em direção ao alvo (quadra) adversário, e de finalizar a jogada (vencer o ponto). Por outro lado, existe a preocupação defensiva de proteger o próprio alvo (a própria quadra) e impedir a finalização da jogada do adversário (manter a bola em jogo). Um exemplo de regra de ação no Tênis de Campo seria o posicionamento do jogador na quadra a fim de dificultar a finalização da jogada do adversário.

A fim de complementar essa relação entre a teoria de Bayer acerca dos JDC e o TC, utilizaremos a análise elaborada por Hopper, Bell (2000) que aponta as principais características desse esporte como sendo: regularidade para manter a bola em jogo, direcionar a bola de maneira eficiente para a quadra adversária, posicionar-se em relação à direção da bola, imprimir força e efeito na bola.

A partir dessas teorias que propõem uma nova forma de interpretar tanto os JDC, quanto o Tênis de Campo, foram elaboradas propostas didático-metodológicas por Garganta em relação aos JDC e por Crespo (2000) e Thorpe, Bunker (1998 apud HOPPER, BELL, 2000) em relação ao TC. Ambas as propostas sugerem que a prática de ensino esteja centrada nos “jogos reduzidos”, substituindo a forma centrada na técnica. Esse modelo de proposta pedagógica centrada nos jogos reduzidos defende que o jogo seja decomposto em unidades funcionais com regras menos complexas, e em espaços reduzidos em relação ao jogo formal.

Nesse modelo, os princípios operacionais do jogo regulam a sua aprendizagem,

e as técnicas desenvolvidas pelos alunos surgem a partir da tática empregada durante o jogo. Além disso, estimula-se a criatividade e inteligência do aluno, já que ele estará constantemente exposto a problemas a serem solucionados.

4 O CONTEXTO DA PESQUISA

Conforme já mencionado, esse estudo possui três objetivos específicos. Dois deles correspondem a verificar tanto os conteúdos desenvolvidos durante aulas de iniciação de Tênis de Campo quanto os procedimentos pedagógicos utilizados para sua aplicação. O procedimento de pesquisa utilizado para atender a esses objetivos foi o da observação.

Segundo Lüdke, André (1986), esse procedimento permite uma experiência direta do observador com o seu objeto de estudo, e, por isso, corresponde ao melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno.

Os dados obtidos a partir da observação foram registrados em um diário de pesquisa para posterior análise. A observação foi não-participante e individual, uma vez que o observador não interferiu nem entrou em contato direto com o ambiente da aula.

O terceiro objetivo específico do estudo consiste em conhecer a formação profissional dos professores cujas aulas foram observadas. Para essa etapa da pesquisa, o procedimento utilizado foi a realização de entrevistas semi-estruturadas. Esse procedimento foi escolhido devido ao fato de possuir um roteiro que garantisse que as respostas fossem pertinentes ao estudo, mas também possibilitou o aprofundamento em algum ponto específico relevante.

As perguntas foram elaboradas no sentido de verificar quais as vivências do professor no Tênis de Campo, conhecer a sua formação profissional e a base teórica que fundamenta sua prática. As entrevistas foram gravadas e, a seguir, transcritas na íntegra para posterior análise.

Foram elaborados dois critérios a fim de definirmos os clubes em que a pesquisa seria realizada: verificamos quais os dois clubes do município de Campinas com o maior número de tenistas filiados à Liga Campineira de Tênis e quais os dois clubes com o maior número de tenistas nos rankings femininos e masculinos de 10, 11 e 12 anos. Ambos os critérios apontaram a Sociedade Hípica de Campinas e o Tênis Clube de Campinas. Dessa forma, a pesquisa foi realizada nesses dois clubes.

4.1 Método de Pesquisa

Tendo como base as propostas de Thomas, Nelson (2002), caracterizamos a pesquisa como sendo qualitativa, com amostra pequena, de 10 aulas observadas e 7 sujeitos entrevistados, em um ambiente natural, organizado no mundo real, sendo que a análise dos dados ocorrerá através da interpretação do pesquisador. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha em um universo cheio de significados, motivos, valores e atitudes, que serão interpretados pelo pesquisador.

Os dados obtidos, tanto na observação das aulas, quanto nas entrevistas, serão discutidos a partir de uma análise de conteúdo. Esse método de pesquisa, conforme sugere Franco (2003), aborda a relevância dos significados e das representações que uma mensagem produz.

Outro autor que discute esse método de pesquisa é Moraes (1999). Segundo ele, através da análise de conteúdo, estabelece-se uma relação entre a mensagem e os fatores que determinam sua produção e seus significados: variáveis psicossociais, contexto histórico e cultural.

Em relação à aplicação desse método, Bardin (1977), sugere que a análise de conteúdo ocorra em três etapas: pré-análise, a fase da inferência e a fase da interpretação.

Na primeira fase, a autora coloca três objetivos: a escolha de documentos, a formulação de hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação dos dados. Nesse estudo, a fase de pré-análise já foi cumprida, correspondendo ao momento de organização do material, levantamento do problema, formulação de hipóteses, determinação dos objetivos gerais e específicos e construção do referencial teórico que fundamentará a análise de dados.

Na segunda etapa, os objetivos e o referencial teórico do estudo devem nortear um estudo aprofundado dos objetos a serem pesquisados. A transcrição das entrevistas e o registro do diário de campo correspondem à fase de inferência desse estudo.

Na terceira fase, deve ocorrer a análise dos dados obtidos nas fases anteriores, fundamentada pelo referencial teórico elaborado.

5 Apresentação e Discussão dos dados

Dentre as perguntas elaboradas, duas delas buscavam verificar os conteúdos trabalhados pelos professores durante as aulas. A expectativa era a de que nas respostas encontrássemos indícios que apontassem para a base teórica que sustenta a atuação do professor.

Apresentaremos os dados da seguinte maneira: inicialmente será feita uma caracterização do professor entrevistado, que será feita a partir dos dados obtidos através das entrevistas; a seguir apresentaremos a transcrição das respostas apresentadas pelo professor em questão; e, finalmente, apresentaremos o diário de campo feito na observação de sua aula. No caso da aula ter sido ministrada por dois professores, apresentaremos os dados das entrevistas de ambos antes de relatarmos o diário de campo.

A análise desses dados será feita a partir do referencial teórico e realizaremos um paralelo entre os dados obtidos na entrevista e os obtidos no diário de campo.

5.1 Apresentação dos dados do Sujeito 1

Esse professor possui o ensino médio completo, iniciou sua vivência na modalidade como boleiro, nunca foi atleta e é professor há 29 anos. Trabalha com 8 a 10 crianças por aula com idades entre 7 e 14 anos. Ele foi professor de três aulas observadas, a primeira corresponde a uma aula em grupo e as outras duas foram aulas particulares.

Entrevista

Pergunta 1-Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Resposta 1-É, além dele estar aprendendo o esporte que é o Tênis, né, ah... aprender bons golpes, ah, ter uma boa direita, uma boa esquerda, sacar, contar, deixar a criança preparada para jogar os torneios.

Pergunta 2-Quando você trabalha com crianças de diferentes idades, existe alguma diferença nos conteúdos ou nos objetivos das aulas?

Resposta 2- Ai os objetivos são diferentes, né, a criança de 7 anos não tem uma boa coordenação, você vai trabalhar a coordenação dela aí. Já a de 14 anos já tem uma melhor coordenação, então você já começa já trabalhando os golpes.

Diário de Campo da aula em grupo

A aula analisada durou uma hora, foi ministrada por esse professor que foi entrevistado e dois auxiliares. O grupo de 8 alunos foi dividido em dois grupos que fizeram aulas em quadras diferentes. Os auxiliares ficaram em uma das quadras e o professor na outra.

Atividade 1

A primeira atividade consistiu em um aquecimento, os alunos formaram duplas, cada um da dupla de um lado da quadra, sobre a linha de saque, a fim de trocarem bolas. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível.

Atividade 2

A segunda atividade proposta pelo professor foi a seguinte: foram formadas duas filas, localizadas no fundo da quadra e próximas à marcação central da quadra, uma fila estava à esquerda dessa marcação e a outra, à direita. O primeiro aluno da fila da direita deveria rebater uma bola utilizando o golpe de direita e trocar de fila, a seguir, era a vez do primeiro aluno da fila da esquerda, que deveria rebater a bola utilizando o golpe de esquerda.

Após explicar a atividade, o professor foi para o outro lado da quadra e começou a lançar as bolas. Durante a atividade, o professor interveio constantemente para corrigir o gesto técnico do aluno. Todas as correções foram no sentido de moldar o gesto técnico dos alunos, tendo como modelo a ser atingido o gesto técnico de jogadores profissionais. Além das correções verbais, o professor realiza gestos técnicos como demonstração, definindo o padrão de movimento que os alunos devem realizar.

As atividades 3, 4, 5 seguiram esse mesmo padrão: os alunos dispostos em filas, o professor lançando as bolas e corrigindo os gestos realizados pelos alunos. A única diferença era a seqüência dos golpes realizados. Na terceira atividade, os alunos deveriam rebater uma direita e ir para o fim da fila. Na quarta, rebater duas direitas e, na quinta, rebater uma direita e uma esquerda, tentando direcionar a bola para a paralela.

Nos 5 minutos restantes de aula, o professor realizou um jogo reduzido disputado em duplas. O jogo foi realizado da seguinte maneira: em um dos lados da quadra, uma dupla ficou próxima à rede para disputar os pontos rebatendo as bolas de voleio. Do outro lado da quadra, as duplas formaram uma fila, sendo que a primeira dupla disputaria um “melhor de três pontos” com a dupla que estava no voleio. O ponto se iniciava com bolas lançadas pelo professor para a dupla que não estava no voleio

Diário de Campo da Aula Particular 1

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor e teve início às 16 horas. A aula foi particular e teve duração de meia hora.

Atividade 1 (16:00)

Durante a primeira atividade, o professor e o aluno permaneceram na linha de saque, um de cada lado da quadra. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível.

Atividade 2 (16:05)

Na segunda atividade, ambos permaneceram sobre a linha de fundo e continuaram trocando bolas. O professor lançava as bolas próximas ao aluno, este, portanto, não se movimentou muito durante a atividade. Além disso, o professor permaneceu sobre a marca central, e o aluno tentava direcionar as bolas para o professor. Durante essa atividade, o aluno cometeu alguns erros seguidos no golpe de esquerda. Diante disso, o professor começou a lançar bolas para o aluno treinar esse golpe. A cada gesto realizado pelo aluno, o professor fazia algum comentário no sentido de corrigir o movimento, por exemplo: pediu para o aluno fazer a abertura do movimento mais rapidamente, pediu para que ele acelerasse o braço, para que pegasse a bola mais cedo.

Atividade 3 (16:15)

Nessa atividade, o aluno permaneceu próximo à rede e o professor permaneceu no fundo da quadra, sobre a marca central. O professor explicou a proposta da atividade: ele iria lançar bolas e o aluno deveria rebatê-las utilizando o golpe de voleio. O aluno rebateu as primeiras bolas para o canto da quadra, o professor pediu para que as bolas fossem jogadas em sua direção (no centro da quadra). O aluno obedeceu. Durante a atividade o professor interveio a fim de corrigir o gesto técnico do aluno, pediu para ele fazer o contato com a bola mais “por baixo”, para bater mais forte, para pegar a bola mais cedo. Eventualmente o professor lançava algumas bolas mais altas para o aluno treinar a cortada.

Atividade 4 (16:20)

A seguir, o professor avisou que eles iriam jogar e pediu para que o aluno aquecesse alguns saques enquanto ele recolhia algumas bolas. Feito isso, eles iniciaram o jogo formal. Eles jogaram três games e, às 16:32, ao término do terceiro game, o professor encerrou a aula.

Diário de Campo da Aula Particular 2

Atividade 1 (17:03)

Durante a primeira atividade, o professor e a aluna permaneceram na linha de saque, um de cada lado da quadra. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível.

Atividade 2 (17:05)

Na segunda atividade, ambos permaneceram sobre a linha de fundo e continuaram trocando bolas. O professor lançava as bolas próximas à aluna, o que não exigia movimentação durante a atividade. Além disso, o professor permaneceu sobre a marca central, e a aluna tentava direcionar as bolas para o professor. Durante essa atividade, a aluna cometeu alguns erros, tanto no golpe de direita, quanto no de esquerda. Diante disso, a cada gesto realizado pela aluna, o professor fazia algum comentário no sentido de corrigir o movimento, por exemplo: pediu para a aluna fazer a abertura do movimento mais rapidamente, pediu para que realizasse os movimentos de baixo para cima em ambos os golpes, pediu para que flexionasse os joelhos.

Atividade 3 (17:16)

Nessa atividade, a aluna permaneceu próxima à rede e o professor permaneceu no fundo da quadra, sobre a marca central. O professor explicou como seria realizada a atividade: ele iria lançar bolas e a aluna deveria rebatê-las utilizando o golpe de voleio. Pediu para a aluna direcionar as bolas para ele, para que houvesse uma troca de bolas. Durante a atividade o professor interveio a fim de corrigir o gesto técnico da aluna, pediu para ela pegar a bola mais cedo, para fazer um movimento mais curto. Eventualmente o professor lançava algumas bolas mais altas para a aluna treinar a cortada.

Atividade 4 (17:22)

A seguir, o professor avisou que eles iriam jogar e pediu para que a aluna aquecesse alguns saques enquanto ele recolhia algumas bolas. Feito isso, eles iniciaram o jogo formal. Eles jogaram dois games e, às 17:30, ao término do segundo game, o professor encerrou a aula.

5.2 Análise dos dados do sujeito 1

Observa-se que na resposta 1 o professor repete 3 vezes o adjetivo *bom*. Esse adjetivo é utilizado para caracterizar os gestos técnicos que o professor espera de seus alunos (*bons golpes, ah, ter uma boa direita, uma boa esquerda*). Ou seja, o professor focaliza a importância de rendimento desses gestos. Através dessa análise, verificamos que o objetivo principal desse professor em suas aulas é fazer com que os alunos adquiram uma boa técnica. Através da análise da atividade 2 da aula em grupo e as atividades 2 e 3 das aulas particulares, podemos verificar que todas as correções realizadas pelo professor tinham como objetivo modificar o gesto técnico realizado pelo aluno, tornando-o semelhante ao gesto técnico realizado pelos jogadores profissionais. Ou seja, a técnica “boa” é aquela realizada por profissionais e pelo próprio professor no momento em que ele demonstra o padrão de movimento que deve ser incorporado pelas crianças.

Sugerimos uma análise dessa situação a partir das idéias de Betti (1991, p. 58). Para esse autor, o esporte não pode limitar-se a um fazer mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas deve tornar-se um compreender, um incorporar, um aprender atitudes, habilidades e conhecimentos que possibilitem ao aluno dominar os valores e padrões da Cultura Esportiva.

Verificamos que a fala do entrevistado na resposta 1 encontra-se dentro desse limite apontado por Betti: a preocupação desse professor durante as aulas ministradas está voltada para aquisição por parte do aluno de uma técnica com bom rendimento.

Outros autores que discutem a questão da técnica, conforme apresentado na revisão bibliográfica são Mauss e Daolio. Segundo esses autores, o professor deveria considerar que o gesto realizado pelas crianças durante as aulas também é uma técnica, dotada de eficácia simbólica, construída a partir de valores e experiências dentro de um contexto cultural. Ou seja, a partir dessa proposta teórica, não há justificativa para a atitude do professor de exigir a execução de apenas uma técnica.

Além disso, segundo as idéias de Zabala (1998) devemos analisar o caráter ideológico nessa situação em que o aluno não pode desenvolver sua própria técnica, tendo que seguir um padrão pré-estabelecido.

A partir das considerações desse autor, podemos caracterizar essa intervenção pedagógica como estando ancorada a um caráter ideológico, segundo o qual as manifestações da cultura da própria criança são erradas, e devem ser substituídas por uma cultura hegemonicamente valorizada. A criança educada dessa maneira, provavelmente não será capaz de tomar posições críticas em relação à sociedade em que vive, estando sempre submissa ao discurso ideológico hegemônico.

Em relação aos conteúdos trabalhados durante a aula, podemos verificar no diário de campo que as atividades 2 e 3 das aulas particulares estavam desvinculadas do contexto do jogo, já que havia uma situação de troca de bolas com características distintas das trocas de bolas existentes no jogo. Isso ocorre pois, nessa atividade, tanto o professor quanto o aluno estavam direcionando as bolas no centro da quadra, o que facilitava a troca de bolas, uma vez que nenhum dos dois precisava se movimentar.

No entanto, conforme apontam Hopper, Bell (2000), uma das principais características do Tênis de Campo é o objetivo de direcionar a bola de maneira eficiente para a quadra adversária, ou seja, provocando uma movimentação do adversário.

Diante disso, as atividades propostas deveriam estimular o aluno a direcionar as bolas para os cantos das quadras, o que, em situação de jogo, estaria provocando um deslocamento do adversário.

Além disso, as atividades 2, 3, 4 e 5 da aula em grupo foram semelhantes: todas elas foram atividades analíticas, estavam centradas no aprimoramento da técnica e desvinculadas do contexto de jogo.

Conforme discutimos no referencial teórico, esse tipo de atividade contribui para a manutenção da situação observada por Crespo: durante os treinos, os alunos demonstram ter o domínio do gesto técnico proposto pelo professor. Contudo, não são capazes de realizá-lo de maneira eficiente durante a partida, já que não sabem como, quando ou porque executá-lo.

Diante dessa situação, os autores discutidos nesse estudo (Garganta em relação aos JDC, Crespo (2000) e Thorpe, Bunker (1998 apud HOPPER, BELL, 2000) propõem uma prática de ensino centrada nos “jogos reduzidos”, substituindo a forma centrada na técnica. De acordo com essa proposta, o jogo deve ser decomposto em unidades funcionais com regras menos complexas, e em espaços reduzidos em relação ao jogo formal. O objetivo é o de levar os alunos a compreenderem a lógica do jogo, tornando-os capazes de apresentar respostas eficazes às

situações problemas decorrentes do jogo.

Através da análise do diário de campo, podemos verificar que o professor dedica apenas os 5 minutos finais da aula para o jogo reduzido. Esse fato limita as vantagens que esse recurso traz, como, por exemplo, estimular a criatividade e a inteligência do aluno.

Outra passagem que deve ser analisada na resposta 1 do professor é a seguinte: *deixar a criança preparada para jogar os torneios*. Percebemos nesse enunciado que o objetivo do professor é o de introduzir a criança no ambiente competitivo. Além disso, a criança deve estar *preparada*, ou seja, há também o objetivo de garantir bons resultados nesses torneios.

Essa preocupação com a competição e a busca por vitórias foi apontada por Paes (1989) como características das aulas de iniciação esportiva. O autor aponta algumas conseqüências dessa situação em que a criança é submetida precocemente a competições: a redução de suas possibilidades educativas, o alto risco de lesões, a possibilidade de gerar na criança o desinteresse pela prática, o abandono da modalidade, e, por vezes, a desistência da prática esportiva em geral.

Paes (2002) sugere que a prática esportiva não fique associada exclusivamente a vitórias em campeonatos em idades nas quais as crianças ainda não estão preparadas para tanto. Defende procedimentos pedagógicos que proporcionem aos praticantes tanto um desenvolvimento motor, que deve tratar das habilidades motoras gerais e específicas, como o desenvolvimento de inteligências múltiplas. Aponta, ainda, a necessidade de que o professor trabalhe princípios de cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência.

Na observação da aula, não verificamos a preocupação em desenvolver esses princípios. Houve apenas a preocupação com o aspecto motor da criança, fato que também pode ser verificado na análise da resposta 2 apresentada pelo professor: a coordenação motora é o único fator apontado pelo professor como relevante para o planejamento e estrutura das aulas.

5.3- Apresentação dos dados dos Sujeitos 2 e 3

Esse professor 2 está no último ano de graduação de Educação Física. Ele iniciou sua vivência na modalidade como atleta, aos seis anos, jogando até os 15. É professor há

dois anos e dá aulas para 4 a 10 crianças por aula com idades entre 3 e 17 anos.

Entrevistas

Pergunta 1-Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Entrevistado 2- É a iniciação mesmo, aprender o movimento da... para bater na bolinha. E, lidar tanto com a raquete, com a bolinha, com o material do Tênis.

Pergunta 2-Quando você trabalha com crianças de diferentes idades, existe alguma diferença nos conteúdos ou nos objetivos das aulas?

Entrevistado 2 –Varia de acordo com a idade e com o nível que ta de aprendizado e com o desenvolvimento motor também.

Caracterização do Entrevistado 3

Esse professor possui o ensino médio completo. Ele iniciou sua vivência na modalidade como booleiro, depois se tornou atleta. É professor há quatro anos, dá aulas para 4 a 10 crianças por aula com idades entre 7 e 15 anos

Pergunta 1-Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades.

Sujeito 3- Olha, desenvolver o máximo a coordenação motora, as habilidades das crianças.

Pergunta 2-Quando você trabalha com crianças de diferentes idades, existe alguma diferença nos conteúdos ou nos objetivos das aulas?

Sujeito 3 – ah, depende muito do relacionamento com a criança, do que a criança também pensa... depende muito.

Diário de Campo

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era aberta, de saibro e com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por dois professores, um principal e um auxiliar, e teve início às 16 horas, com 5 alunos: 2 meninos e 3 meninas.

Atividade 1 (16 horas)

Durante a primeira atividade, ambos os alunos permaneceram na linha de saque, um de cada lado da quadra. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível. Enquanto os alunos executavam a atividade, os professores estavam conversando.

Os alunos não estavam conseguindo realizar a atividade conforme havia sido proposto, uma vez que o alto número de erros dificultava o controle da bola.

Atividade 2 (16:07)

Na segunda atividade, o professor principal pediu que os alunos dessem três voltas correndo em volta da quadra. As meninas deveriam correr no sentido horário, e o menino, no sentido anti-horário. Em seguida, o professor orientou um alongamento, durante o qual chegaram duas meninas que também iriam participar da aula. Durante o alongamento, as meninas ficaram conversando, e o menino conversou com os professores.

Atividade 3 (16:15)

Na atividade seguinte, o professor principal fez duas marcações na linha de fundo de um dos lados da quadra, uma no canto esquerdo e uma no canto direito. Em seguida, dividiu os cinco alunos em duas filas, cada uma atrás das marcações feitas.

O professor principal permaneceu próximo à rede, do lado oposto em que estavam os alunos. A atividade foi realizada da seguinte maneira: um aluno da fila da esquerda iria rebater duas bolas (lançadas pelo professor), a primeira seria lançada funda e a segunda, mais curta e mais aberta, forçando o deslocamento do aluno. Feito isso, o aluno trocava de fila e seria a vez do primeiro aluno da fila da direita.

Nessa atividade, os alunos da fila da direita rebatiam as bolas lançadas utilizando o golpe de esquerda e os alunos da fila da esquerda utilizando o golpe de direita. Os alunos deveriam direcionar as bolas que rebatiam para alguns cones posicionados no fundo da quadra.

O professor auxiliar permaneceu no fundo da quadra em que estavam os alunos, sua função era a de corrigir o gesto técnico realizado pelos alunos. Dessa forma, estava constantemente chamando a atenção dos alunos, demonstrando como seria o movimento correto, quais as diferentes fases do movimento (antecipação, contato e terminação).

Além disso, o professor principal também intervinha para corrigir os gestos técnicos dos alunos: chamava a atenção para a posição da raquete no momento do contato com a bola; pedia para iniciar o movimento por baixo da bola; pedia para os alunos não deixarem a bola cair, procurando fazer o contato enquanto ela estava na altura do ombro; fez uma demonstração do gesto técnico, chamando a atenção da aluna para a “voltinha com o formato da letra “c” que estava faltando na antecipação do movimento”.

Atividade 4 (16:32)

A seguir, o professor pediu para que os alunos pegassem quatro bolas cada um,

colocassem no balde de bolas e fossem para o outro lado da quadra. Nessa atividade, os alunos iriam treinar o saque. O professor principal fez cinco marcas na linha de fundo, demarcando o local de onde cada aluno deveria sacar. Durante a atividade, ambos os professores permaneceram próximos aos alunos, corrigindo seus gestos técnicos; a melhor maneira de segurar a raquete e lançar a bola. No final dessa atividade, não havia mais bolas no balde. Os alunos e professores recolheram todas e foram beber água.

Atividade 5 (16:38)

O professor auxiliar reuniu os cinco alunos e explicou que eles iriam “jogar dupla”. Disse que, como o jogo é disputado por quatro jogadores, um deles ficaria esperando. Os cinco tiraram “dois ou um” quem ganhava escolhia o lado da quadra que iria jogar. O menino sobrou e, por isso esperou as duplas disputarem um game. Ficou combinado que a dupla que perdesse o game tiraria “par ou ímpar” para definir quem esperaria durante o game seguinte. As regras desse jogo foram as mesmas do jogo formal. Foram disputados onze games, e todos foram marcados pela presença de muitos erros nas primeiras bolas do ponto. Com isso, os pontos disputados eram muito rápidos, não havia troca de bolas e as crianças praticamente não vivenciaram o jogo.

Durante a atividade, o professor principal saiu da quadra para conversar com uma pessoa, e o professor auxiliar ficou supervisionando a atividade. No entanto, ele não fez comentários sobre o jogo, mas ficou conversando com as crianças sobre outros assuntos.

Às 17 horas o professor encerrou a aula e os alunos foram embora.

5.4- Análise dos dados dos Sujeitos 2 e 3

Em relação aos conteúdos que desenvolve com prioridade em sua aula, o entrevistado 2 apontou que seriam tanto a aprendizagem dos movimentos (gestos técnicos) do TC, quanto a adaptação aos materiais da modalidade. O entrevistado 3 colocou a importância de desenvolver a coordenação e as habilidades da criança.

Verificamos que em nenhuma das respostas os professores mencionam fatores apontados por Paes (2002) como relevantes à iniciação esportiva, tais como: o desenvolvimento

das inteligências múltiplas ou de fatores relacionados à cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência.

As respostas dos dois professores apresentam algumas diferenças, como por exemplo, apenas o entrevistado 2 aponta a importância de adaptação aos materiais da modalidade. No entanto, ambos consideram apenas fatores relacionados ao aspecto motor da modalidade: o primeiro considera a aprendizagem dos gestos técnicos e, o segundo, a coordenação motora e as habilidades.

Esse destaque conferido ao aspecto motor também pode ser percebido através da análise do diário de campo. As atividades 3 e 4 limitavam-se a uma execução mecânica dos gestos técnicos da modalidade, não havia um contexto de jogo, ou situações problema para os alunos solucionarem. Ou seja, a partir dessa análise, verificamos que a atuação prática dos professores está coerente com seu discurso.

Analisando criticamente a aula, com base nos conteúdos discutidos na revisão bibliográfica, podemos verificar uma série de disparidades entre o que é proposto pela literatura e o que encontramos na prática.

Por exemplo, a atividade 3 estava desvinculada do contexto do jogo, a preocupação dos professores era a de desenvolver a técnica das crianças, e não a de promover uma compreensão tática do jogo. Além disso, a atividade apresentava uma situação de previsibilidade, já que os alunos sabiam onde o professor iria lançar as bolas.

Esse tipo de atividade contribui para a manutenção da situação observada por Crespo: durante os treinos, os alunos demonstram ter o domínio do gesto técnico proposto pelo professor. Contudo, não são capazes de realizá-lo de maneira eficiente durante a partida, já que não sabem como, quando ou porque executá-lo.

Além disso, Garganta (1995) aponta uma outra consequência decorrente do fato da prática pedagógica estar voltada para o ensino da técnica: o jogador apresentará ações de jogo mecanizadas e pouco criativas, problemas na compreensão de jogo (leitura deficiente das situações e soluções pobres para os problemas).

Durante a observação da atividade 5, pôde-se verificar a presença dessas características apontadas por Crespo e Garganta. Por exemplo: no jogo realizado, houve um grande número de erros em função de um problema de posicionamento dos jogadores durante o ponto. Por isso, o autor em questão propõe uma prática de ensino em que a preocupação central é

a de que o jogador compreenda a lógica do jogo. Ou seja, a dimensão técnica (o como fazer) surge em função da dimensão tática (o porquê fazer).

A fim de discutir o aspecto da previsibilidade da atividade 3, retomaremos uma das características do Tênis de Campo apontada na revisão bibliográfica: a imprevisibilidade do jogo. Ou seja, o jogador está constantemente sujeito a situações problema que exigem uma tomada de decisão rápida para solucioná-las.

Diante disso, os autores discutidos nesse estudo (Garganta em relação aos JDC, Crespo (2000) e Thorpe, Bunker (1998 apud HOPPER, BELL, 2000)) sugerem que a prática de ensino esteja centrada nos “jogos reduzidos”, substituindo a forma centrada na técnica. Conforme discutido, de acordo com essa proposta, o jogo deve ser decomposto em unidades funcionais com regras menos complexas e espaços reduzidos em relação ao jogo formal. Nesses jogos, a criança estará constantemente exposta a situações imprevisíveis e a problemas a serem solucionados. Com isso serão desenvolvidas as inteligências e a criatividade da criança.

Ademais, pudemos observar a preocupação do professor em corrigir qualquer gesto realizado pelo aluno que não estivesse de acordo com o modelo de movimento realizado pelos profissionais. Novamente observamos que os gestos realizados pelos alunos são reprimidos pelos professores, o que nos remete às discussões já realizadas com base nas teorias de Mauss, Daolio e Zabala.

5.5 Apresentação dos dados dos Sujeitos 4 e 5

Caracterização do Entrevistado 4

Esse professor possui o ensino médio completo. Foi atleta da modalidade, possui um curso de arbitragem e é técnico há 23 anos. Já participou de várias palestras e cursos, inclusive internacionais, relacionados à modalidade. Trabalha com crianças de 10 a 17 anos.

Pergunta 1-Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Entrevistado 4- A gente trabalha... como a equipe é de competição, a gente procura trabalhar tanto a parte técnica, quanto a parte física e um pouco da parte psicológica, o que a gente tem conhecimento e pode estar trabalhando.

Pergunta 2-Quando você trabalha com crianças de diferentes idades, existe alguma diferença nos conteúdos ou nos objetivos das aulas?

Entrevistado 4 – Tem, tem diferença nos conteúdos e na intensidade do treinamento também, né.

Sabine – E quais seriam as principais diferenças?

Entrevistado 4 – Ah, principalmente assim até 14 anos a gente tem que trabalhar com um pouco mais de recreação, tem que ter um espírito mais recreativo nas aulas, para eles poderem se motivar mais. É, e como é treinamento de competição, depois dos 14 e 15 anos aí a coisa já é um pouco mais séria, menos recreação e mais treinamento sério.

Caracterização do Entrevistado 5

Esse professor é formado em Educação Física. Foi atleta da modalidade e, atualmente trabalha como árbitro e como técnico. Já participou de vários cursos e palestras relacionados à modalidade. É técnico há 6 anos e trabalha com crianças de 9 a 16 anos.

Pergunta 1-Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Entrevistado 5 – A gente, ah, o principal é a parte técnica, mecânica dos golpes, ah... mecânica dos golpes. Outras partes que a gente mexe também é um pouco de psicologia do esporte, acho que só.

Pergunta 2 - Quando você trabalha com crianças de diferentes idades, existe alguma diferença nos conteúdos ou nos objetivos das aulas?

Entrevistado 5- Na... na criança mais nova, a gente trabalha mais a parte de... movimentos, movimentos de coordenação. Na criança mais velha a gente trabalha mais com a força.

Diário de Campo

O cenário da pesquisa foi o clube [...], o treino foi realizado em 3 quadras de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por dois professores, e teve início às 14 horas, com quatro meninos e seis meninas.

Atividade 1

A primeira atividade foi um aquecimento, realizado por todos os alunos na

mesma quadra. Um dos professores dirigiu a atividade e o outro ficou apenas observando. A proposta inicial da atividade era a de que as crianças trocassem, dando voltas ao redor da quadra. Após terem completado três voltas, o professor passou a dar comandos, exigindo corridas laterais ou de costas.

A seguir, as crianças continuariam trotando e, ao comando do professor, deveriam simular a movimentação de um voleio de direita e um de esquerda. Após alguns comandos, o professor pediu para que todos realizassem 15 saltos, chamados de “cangurus”. Dando seqüência ao aquecimento, o professor propôs uma atividade de pega-pega realizada em meia quadra. A criança chamada pelo professor seria o pegador.

Durante o aquecimento, as crianças que não realizavam o que o professor pedia tinham que “pagar” flexões, o que ocorreu constantemente.

Após esse aquecimento, o professor selecionou duas meninas para passarem o alongamento para a turma.

Atividade 2 (14:20)

Após o alongamento o professor pediu para que os alunos “trocassem bolas” para aquecer. A turma se dividiu em duas duplas por quadra. Enquanto as duplas realizavam a atividade, os professores planejaram a estrutura do treino.

Após dez minutos, os professores pediram para que a turma se reunisse para que eles pudessem explicar como seria realizado o treino: a turma de dez alunos foi dividida em dois grupos de três e um de quatro. Esses grupos fariam um rodízio entre as quadras durante o treino. Em uma quadra os alunos deveriam treinar saque, na outra, um dos professores iria lançar bolas para os alunos treinarem os golpes de fundo e, na terceira quadra, o outro professor iria lançar bolas para os alunos treinarem os golpes de voleio. Ou seja, cada grupo realizaria uma vez cada atividade.

A fim de viabilizar a observação das três atividades, observou-se o mesmo grupo durante os três momentos distintos do treino.

Atividade 3 (14:31)

A atividade seguinte consistiu no treino de golpes de fundo. O professor explicou como seria realizada a atividade: os três alunos deveriam formar uma fila no canto esquerdo da quadra, o primeiro aluno da fila deveria rebater três bolas (uma direita que seria lançada no meio da quadra; outra direita, que seria lançada no canto direito da quadra, e uma

esquerda que seria lançada no canto esquerdo da quadra), após rebatê-las, deveria ir para o final da fila. As bolas eram lançadas pelo professor, que estava próximo à rede, do outro lado da quadra.

Nessa atividade, os alunos deveriam direcionar as bolas para os cones que foram colocados como alvo do outro lado da quadra, próximos à linha de base no fundo da quadra “adversária”. O aluno que derrubasse mais cones não teria que recolher as bolas no final da atividade. Em função disso, foi criada uma disputa entre os alunos: todos tentando acertar o alvo e torcendo para que os outros errasse.

Durante a atividade, o professor percebeu a disputa entre os alunos e a estimulou, contando em voz alta o número de cones acertados por cada aluno. Além disso, constantemente chamou a atenção dos alunos para os erros cometidos e para os problemas na execução dos gestos técnicos. Pediu para os alunos realizarem o movimento de baixo para cima, para que não errassem tantas bolas na rede. Chamou a atenção para a terminação do movimento do golpe de esquerda, disse que o cotovelo esquerdo deveria terminar o movimento na altura da boca.

Às 14:39 não havia mais bolas no balde, o aluno que acertou mais cones foi beber água enquanto os outros dois recolhiam as bolas.

Às 14: 43 o professor explicou que a próxima atividade seria o oposto da anterior: os alunos deveriam fazer uma fila no canto direito da quadra, rebater duas esquerdas e uma direita. Também havia o objetivo de acertar os cones e, novamente, surgiu uma disputa entre os alunos.

Os comentários do professor foram todos em relação ao gesto técnico dos alunos: terminar o movimento com o cotovelo alto; fazer o contato com a bola quando essa estivesse na altura da cintura.

Às 14:49 os professores pediram para que todas as três quadras recolhessem as bolas e, a seguir, realizar o rodízio.

Atividade 4 (14:53)

Nessa atividade, os alunos iriam treinar os golpes de voleio e de cortada. Antes de explicar como seria a atividade, o professor demonstrou o gesto técnico dos voleios, explicando as diferentes fases do movimento (antecipação, contato e terminação) e a maneira que os alunos deveriam segurar a raquete.

A atividade foi realizada da seguinte maneira: os alunos se dividiram em duas filas, uma no canto direito e outra no canto esquerdo da quadra, sobre a linha de saque. Os alunos da fila da direita deveriam executar um voleio de direita e trocar de fila, os alunos da fila da esquerda deveriam executar um voleio de esquerda e trocar de fila. As bolas foram lançadas pelo professor que permaneceu próximo à rede, do lado oposto da quadra.

Os comentários do professor foram todos em relação aos gestos técnicos realizados pelos alunos: pediu para os alunos manterem a cabeça da raquete alta durante o movimento; pediu também para que ficassem de lado para a bola na fase de contato; quando algum aluno realizava algum movimento diferente, perguntava “que movimento é esse?”.

Quando não havia mais bolas no balde, o professor pediu para que os alunos fossem recolhê-las.

Atividade 5 (15:05)

Essa atividade seguiu a mesma lógica da anterior. No entanto, cada aluno rebateria duas bolas, o voleio e, em seguida, uma cortada. Novamente, o professor interveio constantemente para corrigir os gestos técnicos realizados pelos alunos.

Às 15:10 o professor pediu para os alunos recolherem as bolas e, em seguida, permitiu que fossem beber água.

Atividade 6 (15:15)

Nesse momento, os grupos realizaram o último rodízio. Nessa última atividade, o grupo deveria treinar saque. A proposta era a de que os alunos montassem uma fila, o primeiro da fila deveria pegar duas bolas do balde, saca-las e ir para o fim da fila.

Como os dois professores estavam realizando outras atividades nas outras quadras, ninguém estava supervisionando essa atividade de saque. Diante disso, as crianças conversaram e brincaram muito. Eventualmente um dos professores interrompia a atividade que estava realizando para chamar a atenção das crianças. Contudo, as crianças continuaram conversando.

Às 15:23 os professores pediram para que todas as quadras recolhessem as bolas para que fosse realizado um jogo.

Atividade 7 (15:25)

A turma foi dividida em 5 duplas para disputar o joguinho, que foi realizado da seguinte maneira: uma das duplas ficaria do lado “A” da quadra (sempre no fundo da quadra) e as

outras quatro ficariam em fila, do lado “B” da quadra. A primeira dupla da fila iria disputar um ponto, no fundo da quadra, com a dupla que estava do lado “B” da quadra.

Caso a primeira dupla que estava do lado “A” perdesse o ponto, deveria ir para o fim da fila. Caso vencesse, deveria subir para a rede a fim de disputar outro ponto. Se, nesse momento, essa dupla que estava no voleio vencesse o ponto, iria para o lado “B” da quadra, ocupar o lugar da dupla perdedora, que, por sua vez, deveria ir para o lado “A” da quadra, no fim da fila. Caso a dupla que estava no voleio perdesse o ponto, também deveria ir para o fim da fila.

A dupla do lado “B” da quadra era única que ganhava pontos, por isso, o objetivo do jogo era o de ficar do lado “B” da quadra e somar o maior número de pontos.

5.6- Análise dos dados dos Sujeitos 4 e 5

Em relação aos conteúdos que trabalham em suas aulas, verificamos que ambos os professores responderam que procuram abordar os aspectos técnicos e psicológicos da modalidade. O sujeito 4 aponta, ainda, o aspecto físico. Verificamos que esses aspectos mencionados estão mais relacionados ao treinamento especializado da modalidade do que à iniciação ao TC.

Ou seja, podemos observar que as crianças estão submetidas a um treinamento especializado em uma faixa etária em que autores como Grecco (2001) e Paes (1989) sugerem que haja uma preocupação com o desenvolvimento integral da criança. Segundo os autores, aproximadamente a partir dos 13 anos deve-se iniciar o aperfeiçoamento e a especialização técnica em uma única modalidade específica.

Observamos que o sujeito quatro, em sua resposta, coloca a importância da presença da recreação em aulas para crianças com menos de 14 anos. Essa colocação está de acordo com a proposta de Paes (1989) que defende a presença do lúdico em aulas de iniciação esportiva, a fim de despertar na criança o prazer em jogar. Dessa forma, segundo o autor, o interesse pela prática esportiva aumenta, evitando o processo de evasão precoce do esporte.

No entanto, após a análise do diário de campo, podemos verificar que o aspecto

lúdico, ou a “recreação”, conforme coloca o professor, não estiveram presentes em momento algum do treino. Constatamos, portanto uma disparidade entre o discurso teórico apresentado pelo professor e a posição pedagógica que ele assume durante as aulas.

Através da análise do diário de campo, verificamos que as atividades 3, 4 e 5 estavam voltadas para o aprimoramento da técnica dos alunos. Além disso, estavam desvinculadas do contexto do jogo, e apresentavam uma situação de previsibilidade, já que os alunos sabiam onde o professor iria lançar as bolas.

Verificamos, portanto, uma coerência entre as respostas apresentadas pelos professores e a sua prática pedagógica. Uma vez que eles haviam ressaltado o aspecto técnico da modalidade como um dos conteúdos trabalhados em suas aulas.

No entanto, conforme discutido, Garganta em relação aos JDC, Crespo (2000) e Thorpe, Bunker (1998 apud HOPPER, BELL, 2000) defendem que a prática de ensino deveria estar centrada nos “jogos reduzidos”, substituindo a forma centrada na técnica. Segundo os autores mencionados, essa proposta de modelo de ensino estimula a inteligência e criatividade da criança, preparando-a para solucionar as situações problema existentes durante o jogo.

A partir da discussão proposta por Paes (2002), segundo a qual o esporte deve ser considerado um fenômeno social significativo no processo educacional, podemos verificar a limitação das aulas que abordam apenas os aspectos técnicos da modalidade. Isso ocorre pois, segundo o autor, o esporte representa uma possibilidade de desenvolvimento de aspectos sócio-educativos relativos à formação da personalidade dos praticantes. Diante dessa possibilidade, o autor sugere que, para que o ensino do esporte adquira esse tratamento pedagógico, é necessário que proporcione aos praticantes tanto um desenvolvimento motor, que deve tratar das habilidades motoras gerais e específicas, como o desenvolvimento de inteligências múltiplas.

5.7- Apresentação dos dados dos Sujeitos 6 e 7

Caracterização do sujeito 6

Esse professor é formado em Educação Física pela Metrocamp. Iniciou sua

vivência na modalidade como boleiro, e tornou-se atleta e árbitro. Ele dá aulas há um ano e trabalha, em média, com 5 a 6 crianças com idades entre 6 e 12 anos por aula.

Entrevista

Pergunta 1-Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Sujeito 6 – É formar um atleta, né. Ter uma boa formação de um atleta e, não só ensinar o Tênis, mas ensinar outras coisas com a vivência do esporte...trabalhar... coordenação motora, ludicidade.

Pergunta 2-Quando você trabalha com crianças de diferentes idades, existe alguma diferença nos conteúdos ou nos objetivos das aulas?

Sujeito 6- Tem

Sabine- Quais seriam essas diferenças?

Sujeito 6- Pra criança de 6 anos, a gente trabalha mais com o lúdico, né. Histórias... mais para a idade delas. Para a criança de 12 anos a gente trabalha com mais jogos, com mais... voltado mais para o jogo, pro campeonato.

Caracterização do Entrevistado 7

Esse professor é formado em Educação Física pela Pucc e, atualmente faz especialização na Metrocamp. Foi atleta da modalidade. Ele dá aulas há seis anos e trabalha, em média, com 6 a 8 crianças com idades entre 6 e 12 anos por aula.

Entrevista

Sabine – Ta, em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Sujeito 7 – Em relação aos conteúdos, a minha prioridade é a formação. Como eu trabalho na parte formativa, o importante para mim é passar o... a aprendizagem do Tênis para elas.

Sabine – Tá, e se você trabalha com uma criança de 6 e outra de 12 anos, tem diferenças nos objetivos e nos conteúdos das aulas?

Sujeito 7- Claro, na criança de 6 anos, eu vou estar trabalhando mais a coordenação, a lateralidade, vou estar mesmo... o desenvolvimento motor dessa criança. Não que eu não vá fazer isso com a de 12, mas os limites são outros.

Diário de Campo Aula 1

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era aberta, de cimento e com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por dois professores, um principal e um auxiliar, e teve início às 9 horas, com cinco alunos: três meninos e duas meninas.

Primeiramente, o professor cumprimentou todos os alunos, perguntando como havia sido o final de semana. A seguir, coordenou um alongamento e pediu para que os alunos dessem duas voltas correndo pela quadra, para aquecerem.

Atividade 1 (9:09)

A proposta dessa atividade era semelhante a um pega-pega. Havia um pegador que ficava no meio da quadra. Os outros alunos tinham como objetivo passar de uma extremidade à outra da quadra sem serem pegos pelo pegador. Quando um aluno fosse pego, ele também se tornava pegador, a rodada acabava quando todos fossem pegos. Essa atividade se repetiu até que todos os alunos tivessem começado a rodada como pegadores.

Atividade 2 (9:15)

Na segunda atividade, o professor principal pediu que os alunos fizessem uma fila única no fundo da quadra e no canto esquerdo. Explicou que o professor auxiliar iria lançar bolas e o primeiro aluno da fila deveria rebater duas bolas, uma direita no fundo e outra no meio da quadra e, a seguir, se dirigir para o fim da fila.

Durante a atividade, o professor principal permaneceu próximo às crianças, fazendo intervenções no sentido de corrigir o gesto técnico que elas estavam realizando.

Atividade 3 (9:18)

Essa atividade foi similar à anterior, os alunos fizeram uma fila única no centro da quadra e deveriam rebater uma direita e uma esquerda no fundo da quadra e, a seguir, ir para o fim da fila. Novamente, o professor auxiliar lançava as bolas para as crianças rebaterem e o professor principal corrigia o gesto técnico das crianças.

Atividade 4 (9:22)

Nessa atividade, cada aluno deveria rebater quatro bolas: uma esquerda no fundo da quadra, uma no meio, um voleio de esquerda e uma cortada.

Atividade 5 (9:24)

O professor explicou que agora os alunos iriam treinar só o voleio. Pediu para que fizessem uma fila no centro da quadra, próxima à linha de saque. O primeiro aluno da fila deveria rebater três bolas: dois voleios.

Após algumas repetições dessa atividade, o professor principal pediu para que o auxiliar (que estava lançando as bolas) lançasse bolas altas para que os alunos treinassem a cortada. O primeiro aluno da fila deveria rebater duas bolas e ir para o fim da fila.

A partir da atividade dois, foram colocados alguns cones como alvos. Ou seja,

os alunos deveriam rebater as bolas, tentando direcioná-las para esses cones, a fim de derrubá-los. Quem atingisse esse objetivo ganharia 20 pontos. Esses pontos são acumulados a cada mês, o professor tinha uma prancheta com os pontos acumulados por cada aluno. No entanto, os alunos ainda não tinham a habilidade suficiente para direcionar as bolas. Diante disso, em todas as atividades, apenas um aluno acertou um cone, o que causou uma certa frustração nas outras crianças.

Às 09:30, o professor permitiu que os alunos fossem beber água.

Atividade 6 (09:34)

A proposta dessa atividade consistia em treinar o saque. Os alunos formaram duas filas na linha de fundo, próximas à marca central, o primeiro aluno de cada fila deveria sacar duas bolas e ir para o fim da fila. Durante a atividade, ambos os professores permaneceram próximos às crianças, intervindo constantemente para corrigir os gestos técnicos realizados.

Atividade 7 (9:40)

O professor principal explicou que as crianças iriam realizar um jogo da seguinte maneira: uma das crianças ficaria de um lado da quadra. As outras quatro deveriam dividir-se em duas duplas e ficariam do outro lado da quadra. A criança que estava sozinha disputaria dois pontos com uma dupla e, a seguir, dois pontos com a outra dupla. O jogo terminaria quando um dos lados chegasse aos 10 pontos. Nesse momento, as crianças deveriam trocar de duplas e mudar quem jogaria sozinho. Foram realizadas cinco rodadas, ou seja, todas as crianças jogaram sozinhas.

Durante o jogo, os professores fizeram algumas intervenções para corrigir tanto a técnica, quanto a tática dos alunos.

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era aberta, de cimento e com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por dois professores, um principal e um auxiliar, e teve início às 10 horas, com três meninos.

O professor principal coordenou um alongamento e pediu para que os alunos fizessem alguns polichinelos e dessem duas voltas correndo pela quadra, para aquecerem.

Diário de Campo aula 2:

Atividade 1 (10:08)

Nessa atividade, os meninos deveriam ficar sem a raquete, próximos à linha de saque, dois de um lado da quadra e um sozinho do outro lado. O jogo era semelhante ao jogo de tênis, no entanto, ao invés de rebater a bola, os meninos deveriam segura-la e, a seguir, jogá-la

para o outro lado da quadra. Era ponto quando alguém não conseguisse segurar a bola antes do segundo pingo no chão, ou quando alguém jogasse a bola na rede ou fora da área de saque.

Atividade 2 (10:18)

Na segunda atividade, o professor principal pediu que os alunos fizessem uma fila única no fundo da quadra e no canto esquerdo. Explicou que o professor auxiliar iria lançar bolas e o primeiro aluno da fila deveria rebater duas bolas, uma direita no fundo e outra no meio da quadra e, a seguir, se dirigir para o fim da fila.

Durante a atividade, o professor principal permaneceu próximo às crianças, fazendo intervenções no sentido de corrigir o gesto técnico que elas estavam realizando.

Atividade 3 (10:24)

Essa atividade foi similar à anterior, após realizarem as duas direitas, os alunos deveriam rebater dois voleios. Novamente, o professor auxiliar lançava as bolas para as crianças rebaterem e o professor principal corrigia o gesto técnico das crianças.

Às 10:28 o professor deixou que as crianças fossem beber água.

Atividade 4 (10:30)

O professor explicou que agora os alunos iriam treinar voleios e cortada. Pediu para que fizessem uma fila no centro da quadra, próxima à linha de saque. O primeiro aluno da fila deveria rebater seis bolas: quatro voleios e duas cortadas.

A partir da atividade dois, foram colocados alguns cones como alvos. Ou seja, os alunos deveriam rebater as bolas, tentando direcioná-las para esses cones, a fim de derrubá-los. Quem atingisse esse objetivo ganharia 20 pontos. Esses pontos são acumulados a cada mês, o professor tinha uma prancheta com os pontos acumulados por cada aluno. No entanto, os alunos ainda não tinham a habilidade suficiente para direcionar as bolas. Diante disso, em todas as atividades, apenas um aluno acertou um cone, o que causou certa frustração nas outras crianças.

Atividade 6 (10:35)

A proposta dessa atividade consistia em treinar o saque. Os alunos formaram duas filas na linha de fundo, próximas à marca central, o primeiro aluno de cada fila deveria sacar duas bolas e trocar de fila. Durante a atividade, ambos os professores permaneceram próximos às crianças, intervindo constantemente para corrigir os gestos técnicos realizados.

Atividade 7 (10:40)

O professor principal explicou que as crianças iriam disputar o jogo formal. Dois

meninos disputariam um game, enquanto o outro esperava. Esse procedimento se repetiu até todos terem disputado contra todos. Durante o jogo, os professores fizeram algumas intervenções para corrigir tanto a técnica, quanto a tática dos alunos. O professor principal comentou diversas vezes com os alunos a diferença entre a qualidade dos golpes realizados nas atividades anteriores e os golpes realizados durante o jogo. Afirmou que os alunos não estavam concentrados no jogo, por isso estavam errando os gestos técnicos.

5.8- Análise dos dados dos Sujeitos 6 e 7

A partir da resposta 1 apresentada pelo professor 6, verificamos que seu objetivo principal corresponde à formação de atletas. Nesse caso, a etapa de iniciação esportiva tem como principal objetivo formar atletas de alto rendimento. Na resposta 1 apresentada pelo outro professor, verificamos que seu principal objetivo é o de ensinar o Tênis de Campo para as crianças.

No entanto, essa etapa da vivência esportiva tem diversos outros aspectos que deveriam ser relevados pelo professor, por exemplo: o desenvolvimento das inteligências múltiplas ou de fatores relacionados à cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência (PAES, 2002).

Verificamos, na resposta 2, que o professor 1 reconhece a importância do lúdico na iniciação esportiva. Além disso, aponta a relevância dos jogos no processo de ensino e aprendizagem do esporte. No entanto, em ambas as aulas, a maior parte do tempo foi dedicada a atividades analíticas, o que revela uma contradição entre o discurso teórico do professor e sua atuação prática.

Verificamos, por exemplo, que nas atividades 2 a 6, nem o lúdico, nem o jogo estavam presentes. Essas atividades estavam desvinculadas do contexto do jogo, a preocupação dos professores era a de desenvolver a técnica das crianças, e não a de promover uma compreensão tática do jogo. Além disso, as atividades apresentavam uma situação de previsibilidade, já que os alunos sabiam onde o professor iria lançar as bolas.

Conforme discutido na revisão bibliográfica, as atividades analíticas contribuem

para a manutenção da situação observada por Crespo: durante os treinos, os alunos demonstram ter o domínio do gesto técnico proposto pelo professor. Contudo, não são capazes de realizá-lo de maneira eficiente durante a partida, já que não sabem como, quando ou porque executá-lo.

Além disso, Garganta (1995) aponta uma outra consequência decorrente do fato da prática pedagógica estar voltada para o ensino da técnica: o jogador apresentará ações de jogo mecanizadas e pouco criativas, problemas na compreensão de jogo (leitura deficiente das situações e soluções pobres para os problemas).

Durante a observação da atividade 7, pôde-se verificar a presença dessas características apontadas por Crespo e Garganta. Por exemplo: no jogo realizado, houve um grande número de erros em função de um problema de posicionamento dos alunos. Ou seja, fica claro que a proposta pedagógica que prioriza a aprendizagem da técnica, em detrimento à compreensão tática do jogo prejudica a formação do jogador. Isso ocorre pois, conforme observado na atividade 7, os jogadores não são capazes de tomar decisões rápidas e eficientes para as situações de imprevisibilidade do jogo, já que, durante as aulas, foram treinados apenas para automatizar o gesto técnico, e não para solucionar problemas. É em função desses argumentos que Garganta em relação aos JDC, Crespo (2000) e Thorpe, Bunker (1998 apud HOPPER, BELL, 2000) em relação ao TC propõem um ensino centrado nos jogos reduzidos e não nas atividades analíticas.

Além desses pontos apresentados, verificamos, ao longo das aulas, a preocupação dos professores em corrigir o gesto técnico dos alunos. Conforme já discutido, de acordo com autores apresentados na revisão bibliográfica (Mauss e Daólio), o professor deve reconhecer o gesto do aluno como uma técnica dotada de eficácia simbólica. Com isso, não deve haver, nesse momento da iniciação esportiva, a preocupação em tornar os gestos técnicos dos alunos semelhantes aos gestos técnicos realizados por profissionais.

6 Conclusões

A iniciação esportiva, conforme abordada nesse estudo, é um fenômeno complexo, uma vez que envolve diversos fatores e representa uma possibilidade de formação e desenvolvimento da criança em diversas dimensões. Através da revisão bibliográfica, pudemos conhecer qual a proposta pedagógica presente na literatura acerca do ensino de Tênis de Campo para crianças. Os autores estudados sinalizam propostas de abordagens de ensino que consideram a iniciação esportiva como um processo importante na formação da criança, tanto como atleta, quanto como cidadã, sugerindo procedimentos pedagógicos que contribuam para tornar o esporte um fator facilitador na educação dessas crianças.

A partir da análise dos dados obtidos no diário de campo e nas entrevistas, verificamos uma disparidade entre a realidade da iniciação ao Tênis de Campo e a proposta presente na literatura. Tal situação é considerada preocupante na medida em que compromete os diversos benefícios que poderiam estar presentes nas aulas de iniciação esportiva de maneira geral e, no caso específico deste estudo, de Tênis de Campo.

Verificamos, portanto, a necessidade de mudanças no cenário da iniciação esportiva ao Tênis de Campo. É preciso ressaltar que essa pesquisa realizou-se apenas no município de Campinas. Diante disso, sinalizamos a importância de realização de estudos que investiguem a iniciação esportiva em um universo maior, contribuindo, assim, para uma análise mais ampla desse fenômeno.

Referências Bibliográficas

BAYER, C. **O Ensino dos Desportos Coletivos**. Paris: Editions Vigot, 1994.

BETTI, M. **Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus**. São Paulo, Movimento, 1991.

CRESPO, M., MIRANDA M. **Evolución de la metodología en la enseñanza del ténis**. Disponível em: <www.tenischile.com/pagina_tecnica/metodologia_del_tenis.html> Acesso em 7 ago. 2005.

DAÓLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - O modelo pendular. **Revista Brasileira de Ciência do Movimento**, Brasília, v.10, n.4, p.99-104, out., 2002.

DE ROSE JR., D. et al. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Artmed, 2002.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 2. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1995. p. 11-25.

HOPPER, T., BELL, R. **Games classification system: Teaching strategic understanding and tactical awareness**, 2000. Disponível em: <www.educ.uvic.ca/Faculty/thopper/WEB/articles/Cahperd/gameclass.htm> Acesso em: 7 ago 2005

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação?: o caso do basquetebol**. 1993. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1993.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. **Educação física escolar:** o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

PINHEIRO, Y. **Pedagogia do esporte:** um estudo da interdependência entre a iniciação esportiva e o esporte profissional, o caso do basquetebol feminino de Campinas, Unicamp (2003). Relatório Final de Iniciação Científica.

ZABALA, A. **A Prática Educativa:** Como ensinar. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998.

Roteiro das Entrevistas com os professores:

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua formação escolar?
3. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?
4. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, juiz, dirigente, entre outros?
5. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?
6. Em qual instituição você trabalha?
7. Há quanto tempo você trabalha nesses locais?
8. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?
9. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?
8. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?